

## <O CURIOSO SISTEMA CIRCULATÓRIO DA PSICOLOGIA>

**Autor:** <Arruda Leal Ferreira, Arthur>

**Endereço:** <Doutor em psicologia Clínica pela PUC de São Paulo/ Professor Adjunto do Instituto de psicologia da UFRJ/ Rua do Riachuelo 169/405; Centro - Rio de Janeiro – RJ; CEP 20230-000/ Brasil/ E-mail: [arleal@superig.com.br](mailto:arleal@superig.com.br)>

**Resumo:** <A meta deste trabalho é a utilização de alguns conceitos do antropólogo das ciências Bruno Latour, visando pensar de modo positivo o conjunto das psicologias em sua dispersão. Isto, sem qualquer julgamento de estas em termos da sua cientificidade, pero de proliferação e de produção de um mundo comum. Para tal, serão expostos não apenas alguns trechos em que este autor discute a natureza do saber psicológico, mas também alguns conceitos como o de Sistema Circulatório da Ciência (especificando as condições ou os circuitos internos e externos que tornam a ciência possível), recalcitrância e factiches, a fim de entender a peculiaridade deste saber na constituição de redes tecno-sociais. Estes conceitos agudariam a pensar no apenas na especificidade do saber psicológico, como também as suas condições de possibilidade históricas, e efeitos de subjetivação contemporâneos em termos da constituição de um mundo comum.>

**Eixo temático:** <Sociedade e produção de conhecimento>

**Código:** <2BRS024>

**País:** <Brasil>

**Palavras-chave:** <antropologia das ciências; história da psicologia; modernidade; sistema circulatório; factiches; recalcitrância.>

**Projetos de investigação associados:** <(1) A diferença que nos une: um estudo sobre as condições de possibilidade do surgimento do campo psicológico em sua dispersão; (e 2) A psicologia como instrumento de produção de subjetividades.>

**Período de investigação:** <Início: 1999; Finalização: em aberto>.

## **I. Introdução.**

Este trabalho é uma versão em português do artigo “La psicología vista por un antropólogo de las ciencias: un saber entre el cielo de los conceptos científicos y el torbellino de las prácticas sociales”, publicado na Revista AIBR, Revista de Antropología Ibero-americana. Nesta versão atual pretende-se aprofundar algumas discussões relativas ao campo psicológico, tentando demarcar algumas singularidades deste.

Uma primeira marca que se pode atribuir a psicologia como saber e prática é a sua profunda dispersão, sendo esta dividida entre sistemas, projetos, escolas, teorias, hipóteses, orientações aplicações, e marcas autorais. Esta multiplicidade jamais poderia ser entendida como uma interpretação plural de um objeto dado previamente, pois os psicólogos não concordam nem mesmo quanto à definição do seu próprio saber. Este problema se amplia na medida em que sabemos que uma ciência não se define apenas por seu objeto, mas também por um projeto em que este objeto se encadeia em conjunto de questões, métodos e modelos. Estamos mais próximos da cartografia de um arquipélago, de uma confederação sem centro de sistemas, escolas, pequenas teorias e práticas dispersas do que do mapa geopolítico de uma nação-continente unificada por um projeto comum, como a chinesa, por exemplo. O que sustenta esta dispersão psicológica sob um mesmo nome? Deve-se ressaltar que não se tratam aqui de divergências teóricas e metodológicas pontuais no interior de um mesmo projeto (como a discussão física sobre a natureza da luz, se esta é onda ou partícula), mas da

própria definição do que é psicologia, da coabitação nesta de projetos antagônicos. Retomando uma metáfora geopolítica, é como se numa federação, cada estado pudesse se dar a sua própria representação de uma nação, desconsiderando qualquer controle político central, e em franca tensão com os demais. Algo muito semelhante ao desmembramento da antiga União Soviética ou da Iugoslávia, ao longo dos anos 1990.

Ao mesmo tempo em que a psicologia possui esta dispersão mais próxima da filosofia (semelhança quase sempre recusada pelos psicólogos), ela lança mão de uma série de modelos, métodos e vocabulários quase que inteiramente importados das demais ciências naturais (fisiologia, biologia, física, cibernética, informática, etc.). Apesar desta semelhança, não ocorre, como nas ciências naturais o predomínio de um projeto científico sobre os demais, ou mesmo a refutação de uma das tendências presentes no espaço psicológico, em que esta se mostre falsa, ou ao menos ineficaz. Isto é especialmente curioso no campo das práticas psicológicas, pois mesmo as que estão assentadas nas tendências mais díspares se sustentam, ainda que apontem para as técnicas e finalidades mais divergentes. Por que todas psicologias conseguem sempre colher provas empíricas, práticas e argumentativas contra as demais e a favor de si?

O mais curioso neste movimento é que as psicologias, mesmo as que buscam uma fidelidade mais estrita aos cânones das ciências naturais (quanto a seus métodos e seus modelos), não são sempre reconhecidas por estas, nem pelas epistemologias que as sancionam. E mesmo que tentem sempre, os psicólogos não resolvem estes impasses ao tomar conhecimento de novas epistemologias, modelos e metodologias científicas, sendo que em nenhum outro saber se discute tanto sobre epistemologia, metodologia, ou modelos científicos.

Esta difícil relação da psicologia com as ciências naturais poderia aproximá-la mais das ciências humanas e da filosofia. Contudo, a busca de um fundamento empírico para os mais diversos setores da existência humana, conduz muitas vezes à crítica da naturalização indevida de certas

questões. Ao mesmo tempo em que próxima e distante das ciências naturais e humanas, resta a aliança da psicologia com seu público e clientela. Ainda que este por vezes tenha alguma desconfiança em relação aos seus excessos (de zelo e controle) e carências (de suposto rigor científico), é nele que a psicologia encontra o seu maior fiador, ávido pelo encontro com uma instância que ofereça sem titubeios as verdades derradeiras da nossa existência.

Em suma, poderíamos resumir esta configuração da psicologia ao perguntar por que esta tende a satisfazer seu público, dividir cientistas, filósofos e epistemólogos, e conduzir as suas partes ao conflito? O que conduz a psicologia a esta curiosa configuração epistêmica?

Recusando uma abordagem epistemológica, centrada na discussão sobre a cientificidade da psicologia, será utilizado o trabalho de Bruno Latour não apenas para demarcar a especificidade do saber psicológico em contraste com as demais ciências, bem como as suas condições de possibilidade históricas. Contudo, um problema inicial: no conjunto de trabalhos assinados por Latour, a psicologia tem papel de coadjuvante, sendo não muitas as suas referências<sup>1</sup>, possuindo em geral um caráter bastante problematizador. Em todos eles destaca-se na psicologia uma posição purificadora e reducionista, enquanto um produto moderno. Estas críticas se dão, seja na afirmação piagetiana das estruturas do sujeito do conhecimento enquanto motor da ciência (Latour, 1985), seja na suposição da universalidade do inconsciente freudiano a par das diversas redes culturais (Latour, 1998b), seja ainda na sua concepção como irmã-gêmea da epistemologia, operando como uma bomba de sucção, apta a dragar para um mundo subjetivo de crenças, tudo que esta não consegue confluir para um mundo objetivo e real (Latour, 2002).

Então, o que justificaria a presença de Latour como interlocutor nesta compreensão da diversidade das psicologias? Justamente por tratar de dois temas relevantes para a resposta das questões propostas inicialmente: 1) a

---

<sup>1</sup> Podemos encontrar referências à psicologia nos seguintes textos de Latour: 1985: 8; 1991: 5-6; 1998-B; 2002, parte II.

definição das condições necessárias ao conhecimento científico, especificado em seu “modelo circulatório” (Latour 2001); e 2) a determinação das “condições de possibilidade” deste conhecimento, contidas no projeto de uma modernidade impossível, notadamente no seu projeto de cisão entre dois entes purificados: Ser Humano e Natureza, ou entes subjetivos e objetivos (Latour, 1994). Pode-se compreender a partir deste duplo esquema o surgimento, o lugar e o caráter paradoxal das psicologias, ao juntarem o que a modernidade separou, e fazendo o conhecimento circular por vias muito diferentes das demais ciências. Passemos a um breve exame destes conceitos em Latour e a sua repercussão na compreensão da pluralidade da psicologia

## **II- A psicologia no Sistema Circulatório das Ciências**

Apesar de Latour descrever em vários trabalhos a especificidade do saber científico (conferir Latour, 1983, 1985, 1997 e 1998-A), um texto será abordado em especial, “O fluxo sanguíneo da ciência: um exemplo da inteligência científica de Joliot”, presente na coletânea “A esperança de Pandora” (2001). Este artigo será tomado como representativo, uma vez que condensa uma série de contribuições de outros trabalhos em um único modelo: o do “Sistema Circulatório”. E por que o trabalho científico é comparado ao “Sistema Circulatório”? É porque não faz o menor sentido se perguntar apenas pelo “coração da ciência”, mas por todo o seu conjunto, o seu vasto e denso sistema de redes e capilaridades. Da mesma maneira que em nosso sistema circulatório não faz sentido nos perguntarmos se em essência ele é coração ou veias e artérias, nas ciências não devemos nos bastar apenas na sua rede conceitual ou no contexto social. Esta antiga querela, sustentada pelos historiadores da ciência no debate entre internalismo X externalismo, vai acabar concebendo o conhecimento científico, ora como produzido a par de sua rede social, como idéias flutuando no céu (internalismo); ora como um mero fenômeno coletivo, sem entender a especificidade das ciências (externalismo).

Tentando superar este muro de Berlin entre os internalistas e externalistas (e entre ciência e sociedade) é que Latour irá propor o seu “Sistema Circulatório”, composto por uma série de circuitos, como: 1) “Mobilização do mundo”, ou conjunto de mediações aptas a fazer circular os não-humanos através do discurso (instrumentos, levantamentos, questionários e expedições); 2) “Autonomização”, ou a delimitação de um campo de especialistas em torno de uma disciplina, capazes de serem convencidos ou entrarem em controvérsia; 3) Alianças, ou recrutamento do interesse de grupos não científicos, como militares, governamentais e industriais; 4) “Representação Pública”, ou o conjunto de efeitos produzidos em torno do cotidiano dos indivíduos; e 5) “Os Vínculos e Nós”, que dizem respeito ao coração conceitual, que amarra todos os demais circuitos. Sem a circulação e mobilização de todos estes circuitos não é possível entender a perseverança de um trabalho científico, como de Joliot, na tentativa de montagem de uma bomba de nêutrons. Para a montagem desta bomba é necessário não apenas uma rede de conceitos científicos, mas a constituição de laboratórios, a parceria de especialistas, e o interesse do governo, da indústria e dos militares, além da opinião pública.

Como as psicologias circulariam nestes circuitos? Quanto à “Mobilização do Mundo” deve-se dizer que as técnicas de inscrição deste saber produziriam (ou extorquiriam) testemunhos não mais de objetos, mas de sujeitos. Mesmo quando se verifica que estas técnicas de inscrição são em geral capturadas de outras ciências como física, química ou biologia (conferir Stengers, 1989). O problema é que no campo psicológico, as técnicas de mobilização forjadas não circulam de forma livre em sua extensão; elas trafegam apenas no campo de uma determinada orientação onde ela pode ser forjada. Não seriam o que Latour (2001: 350) designa como “móveis imutáveis”, uma vez que as técnicas de inscrição “permitem novas translações e articulações, ao mesmo tempo que mantém intactas algumas formas de relação”. Na psicologia, em sua pluralidade teríamos

diversos “imóveis mutáveis”, como veremos mais adiante graças a sua relação de produção de subjetividade no trato com o público.

No que tange a “Autonomização”, nós temos entre os psicólogos algo que Canguilhem (1973) designa como um consenso mais pacífico do que lógico, dado o conjunto de orientações e projetos presentes em nosso campo. Além da nossa geopolítica fragmentada ao modo da russa ou iugoslava, podemos dizer também que nossas fronteiras são bastante porosas, se abrindo nas mais diversas direções: psiquiatria, pedagogia, administração e neurociências, criando vários espaços indiferenciados ou zonas neutras. Nossas relações, às vezes são mais sólidas com o espaço externo do que interno, proporcionando aqui algo mais semelhante talvez a geopolítica curda. Talvez aqui de modo mais claro que em qualquer um dos circuitos a nossa pluralidade.

Quanto às “alianças”, estas tem sido ambíguas, pois se é registrável um interesse cada vez maior do setor privado, governamental e mesmo militar, este interesse não é comparável ao depositado nos demais setores científicos. Se inicialmente este interesse se centrava no campo da seleção para uma determinada aptidão ou perícia, hoje ele preenche outras funções, como no campo da saúde. De toda a forma estes interesses estão ancorados no que Foucault (1977) designou como “biopoder”. Trata-se de um conjunto de dispositivos aptos a classificar os indivíduos dentro de uma gradação de normalidade/anormalidade e operando estratégias coletivizantes (biopolíticas) e singularizantes (anátomo-políticas), visando majorar as suas forças produtivas e vitais.

Mas estas alianças operadas ignoram a complexidade e pluralidade do nosso campo, mantendo alguma fé em nosso suposto saber sobre a natureza humana. Fé que é muito mais ampla no campo das “Representações Públicas”, mesmo guardadas algumas desconfianças. É aqui que podemos reconhecer a grande força das psicologias, pois, mais do que produzir testemunhos isentos de sujeitos, elas extorquem testemunhos (Stengers, 1989), mais fabricam do que revelam nossos eus. Para se ter isto em conta,

basta se tomar certas orientações psicológicas com maior poder de difusão como a Psicanálise; não conseguimos nos relacionar conosco ou com os demais sem categorias como as de Inconsciente ou Complexo de Édipo. Neste ponto é que podemos dizer que as psicologias, produzem “imóveis” (pois só circulam no interior de certas orientações) “mutáveis” (transformando e fabricando a experiência dos sujeitos). Se a ciência para Latour (2002) é construtivista e realista, a psicologia é só construtiva, no caso, das nossas subjetividades. Se algo une as diversas psicologias é a sua múltipla capacidade de fabricar sujeitos.

Esta idéia é de resto consonante com a distinção operada por Latour (2003: 217) entre a recalcitrância dos seres não-humanos em oposição à obediência à autoridade científica dos seres humanos:

“Contrário aos não-humanos, humanos tem uma grande tendência, quando colocados em presença de uma autoridade científica, a abandonar qualquer recalcitrância e se comportar como objetos obedientes oferecendo aos investigadores apenas declarações redundantes, confortando então estes investigadores na crença de que eles produzem fatos 'científicos' robustos e imitam a grande solidez das ciências naturais”.

Tudo isto proporciona que a Psicologia seja composta de uma série de “nós e vínculos” conceituais parciais sem um nó maior que a amarre. Este nó é frouxo até mesmo na definição do que vem a ser a psicologia (ciência das condutas? dos fenômenos mentais? da experiência? do inconsciente?). Portanto, podemos dizer que a Psicologia é composta por vários sistemas circulatórios, mas que não se comunicam entre si; somente com os diversos tecidos da rede social e as redes das demais práticas científicas, bordando e moldando a nossa subjetividade de acordo com algumas orientações. É como se fosse uma máquina múltipla, que operasse na captura de modelos oriundos das ciências naturais e de certas práticas sociais tradicionais e na

produção de certas formas de existência. O que produz esta curiosa configuração?

### **III - A psicologia e a constituição moderna: entidade purificadora ou efeito colateral híbrido**

Mesmo com as poucas referências à psicologia nos textos de Latour, podemos encontrar interessantes sugestões sobre as possíveis fontes de dispersão do campo psicológico. A hipótese aqui adotada é que a psicologia é produto da “impossível modernidade”, constituída no século XVII na tentativa irrealizável de clivagem e purificação de entes humanos e naturais, tal como descrita em “Jamais fomos modernos” (1994). Os entes humanos tornaram-se a partir de então assunto da política, tendo a sua representação nos parlamentos, enquanto que os seres naturais passaram a ser tema das ciências, sendo representados nos laboratórios. Segundo Latour, o marco histórico desta clivagem pode ser encontrado na discussão sobre o vácuo que opôs Boyle e Hobbes. O primeiro sustentou a existência do vácuo apelando para uma nova forma de testemunho, mais poderoso que o de cidadãos dignos, os experimentos laboratoriais, cujas verdades calariam as vozes dissonantes. Hobbes por outro lado, tentou negar a existência do vácuo apelando para uma teoria dedutiva geral que servisse para unificar o reino inglês esfacelado em guerras civis. Apesar da discussão de Hobbes sobre o vácuo, sua principal herança foi a sua filosofia política sobre o Estado, em que todos os cidadãos estariam representados pelo rei. Apesar de Boyle ter produzido escritos políticos, perseverou entre nós apenas a sua contribuição científica e a invenção dos laboratórios como os nichos da verdade dos entes naturais.

Contudo, a modernidade produziria como efeito colateral desta tentativa de divisão e purificação a proliferação dos híbridos, seres com marcas ao mesmo tempo humanas e naturais. Mas, o que ressalta em Latour não é apenas a descrição desta irrealizável constituição moderna, mas a reavaliação do que escapava a esta segregação clara e distinta: começa-se a

descortinar todo um império do centro, povoado de híbridos e “fe(i)tiches”<sup>2</sup>, seres mestiços, que, de acidentais na sua indefinição, passam a possuir primazia ontológica. Estes não são mais compreendidos como o produto da indevida mistura de entes puros e bem compartimentados desde o princípio, mas a linha mestra de uma rede ontológica de onde se purificam os entes extremos e secundários. Como a psicologia se configura neste projeto moderno?

Em outro texto, “O moderno culto dos deuses fe(i)tiches” (2002), Latour sustenta que a psicologia operaria de modo simétrico ao da epistemologia, operando como uma bomba de sucção dos seres híbridos, dos “fe(i)tiches” no plano subjetivo. Posto que, se no plano objetivo, a epistemologia busca os fatos objetivos a par das nossas crenças, estas passam a ser delegadas a um plano subjetivo de interioridade, domínio da psicologia. A psicologia nada mais faria do que o “serviço sujo”, o trabalho de dar conta do que a epistemologia excluiu criticamente dos nossos seres objetivos. Nas palavras de Canguilhem (1973: 119), a tarefa da psicologia seria a de fornecer uma desculpa do espírito perante a razão. De fato, a tarefa inicial da psicologia no século XIX seria a de se tornar uma ciência objetiva dos erros da nossa subjetividade, buscando a verdade de nossos erros. Mesmo em nome de uma verdade triunfante, nada mais híbrido.

No entanto, esta é apenas uma das diversas formas nas quais a psicologia é fundada. Além da busca de desculpa aos nossos erros, que levou à fundação da psicologia na Alemanha, no final do século XIX, outras questões levarão ao surgimento de outras psicologias. É assim que no mesmo período na França e em outros países da Europa Central a questão do conhecimento e do controle da loucura leva à fundação da psicologia enquanto estudo dos estados mentais mórbidos; nos Estados Unidos desponta uma psicologia funcional a partir da busca de conhecimento,

---

<sup>2</sup> *Fe(i)tiches* é uma tradução para o jogo de palavras *faitiches*, algo que é fato e fetiche ao mesmo tempo; real ao mesmo tempo que produzido por nós. Um modo de existência que incluiria os objetos científicos e os sujeitos (livres e produzidos ao mesmo tempo), que os irmanaria aos fetiches produzidos pelos primitivos.

classificação, e ajustamento dos indivíduos às novas instituições modernas (escolas, exércitos linhas de montagem) e aos novos regimes de trabalho; e na Inglaterra, esta mesma busca de adaptação encontra na teoria da Seleção Natural uma poderosa aliada, conduzindo a uma psicologia diferencial (estudando as populações a partir de habilidades distribuídas em torno da curva normal) e outra comparada (perfilando as faculdades e habilidades humanas em contraste com as dos animais).

Mas não são apenas estas questões oriundas das práticas sociais modernas que moldam as psicologias no século XIX. Existe uma forma peculiar de fazer ciência por parte destas psicologias que é moldada pelas críticas de pensadores como Immanuel Kant e Augusto Comte às suas formulações do século XVIII. Tais críticas, quanto à falta de uma forma de conhecimento objetivo e matematicamente formalizado conduzem as psicologias em busca de modelos em outras ciências como a fisiologia e física (na Alemanha), biologia (nos Estados Unidos e Inglaterra) e as Ciências Informativas de modo mais recente. É desta forma que estas questões oriundas das práticas sociais ganham representatividade nos laboratórios e em diversos modelos científicos, conduzindo a uma hibridação única.

Mesmo com o surgimento de novas escolas, com novas questões, a psicologia mantém o seu afã hibridizante. O problema, bem colocado por Pierre Gréco (1970), é que a psicologia deseja fazer ciência daquilo que escapa à própria ciência, do que é posto entre parênteses no ato científico: as representações equivocadas, a desadaptação, os desejos humanos em sua desmedida patológica. Promove-se uma nova mistura do que havia sido bem segregado na modernidade: objetiva-se (naturaliza-se) o sujeito e subjetiviza-se o objeto científico. Psicologia se torna uma palavra inconciliável, em que para haver *logos* (ciência), é necessário se excluir a *psiqué*, e para se considerar esta, é impossível a mediação do *logos*. Contudo, esta hibridação nada tem a ver com o monismo mestiço dos pré-modernos; para que esta nova mistura ocorra é necessário que a busca de

purificação moderna tenha se processado, e se ampliado ao ponto de que cada um dos domínios segregados na modernidade lance suas redes na direção do seu oposto. Latour ao longo de sua obra toma como exemplos privilegiados de hibridação a representação social dos seres naturais nos dias de hoje: partidos verdes, concílios sobre o clima e o meio ambiente. Mas e a representação laboratorial e natural dos seres humanos operada pela psicologia? No caso da psicologia, trata-se da ampliação do domínio científico na direção daquilo de que ele havia se segregado (as qualidades secundárias, ou as nossas representações mentais patológicas, as crenças e a busca de ajustamento), ao mesmo tempo em que a política e a administração passam a buscar substratos científicos na sua disseminação.

A psicologia seria exemplar enquanto efeito colateral inesperado pelos paladinos dos entes puros em expansão: o encontro nesta região central de miscigenação plural, onde os híbridos se multiplicam ao infinito. Trocando em miúdos, a psicologia é um espaço forte de mestiçagem, onde operadores científicos das ciências naturais se fundem a conceitos antropológicos, reificando certas práticas sociais. É assim que na psicologia alemã gestalista o exame da experiência ingênua (visando o controle dos erros) culmina no equilíbrio físico das formas, coroado pela compreensão do homem como um ser naturalmente inteligente e compreensivo do mundo que está a sua volta; no behaviorismo americano, a tentativa de disciplina das atividades humanas na educação e no trabalho, conduz à força dos condicionamentos e ao entendimento do homem como um ser maleável na sua relação com o ambiente; na psicanálise, as práticas de confissão e o esforço de desvelar as fontes dos nossos mais íntimos desejos e conflitos psíquicos, nos leva a uma visão do homem como um ser desejante, marcado pela impossibilidade de equilíbrio energético dentro do ciclo pulsional.

Deve-se dizer que este efeito hibridizante é contrário às intenções puristas dos diversos fundadores da psicologia, e que se radicaliza a cada nova refundação e tentativa de purificação por parte deste saber. Daí também decorre o fato da psicologia ser constantemente atacada pelos críticos

puristas, estrangeiros para além das fronteiras dessa região central: para os epistemólogos, ela seria demasiado política e plural; para os críticos sociais, má política e por demais naturalista. Críticas que por sua vez instigam novas tentativas de fundações purificadoras, e por conseguinte o surgimento de mais e mais híbridos. Híbridação que já havia sido denunciada por Foucault em “As Palavras e as Coisas” (1966), como parte do “círculo antropológico”. Poderia ser igualmente dito: “círculo naturalizante”.

#### **IV. Conclusão**

A psicologia estaria constantemente em busca de purificação, tanto na sua disciplinarização enquanto saber, como no diálogo com seus objetos, os sujeitos. No primeiro caso, teríamos a tentativa de constituição de um saber reunido em torno do que Vinciane Despret (1999: 42) pôde denominar visão, ou saber epistemologicamente sancionado, distante das demais versões da vida comum. No segundo caso, desdobramento do primeiro, teríamos a busca de uma forma adequada de extrair as verdades objetivas dos nossos sujeitos. Contudo, esta dupla tentativa de purificação moderna produziria um enorme curto-circuito, marca da psicologia.

No primeiro caso, a tentativa de constituição, sob as bênçãos da epistemologia, de uma visão pura apenas multiplicaria as diversas versões, cada qual epistemologicamente embasada em um saber-modelo. Neste ponto, teríamos a caracterização da psicologia, tal como elaborada por Jacques Gagey (1969: 30), como um prisma, “assimilando e acomodando os modelos científicos que lhe propõe as outras disciplinas, na medida da sua aparição”. Despret (1999: 37), em acordo com Latour e em uma direção distinta da epistemologia, tomaria esta pluralidade de versões como positiva, aumentando as possibilidades de articulação deste saber (e não a sua purificação) e as formas diferentes de se pensar e produzir os sujeitos e seus testemunhos.

Portanto, a busca de uma representação natural dos seres humanos (a segunda forma de purificação) produz um efeito muito distinto do almejado;

a principal consequência desses operadores científicos na re-mistura com as práticas sociais e conceitos antropológicos seria a produção de individualidades, subjetividades e verdades interiores. Nas palavras de Latour: se trataria de “eus fabricados artificialmente” (1998-B), “fe(i)tiches (*faitiches*) tecnosubjetivos” (2002). Teríamos aqui todo o que, segundo Despret (1999: capítulo 3) é recusado pela epistemologia e política platônica em sua busca de purificação. Mas que é plenamente operado pelas versões psicológicas, como efeito colateral de desejo de ser ciência; de se tornarem visões.

Esta produção ocorreria na medida em que estes conceitos e operadores naturais forneceriam um transcendental a partir do qual gravitaria a nossa experiência: boas formas, sensações, invariantes funcionais, módulos informacionais, pulsões e operantes, constituindo os fundamentos empírico-transcendentais de nossas subjetividades. Além de determinar uma norma e uma determinação natural para a nossa liberdade. Poderíamos ver aqui conforme Latour (2002, capítulo III) mais um fetiche produzido pela crítica moderna, o da nossa autonomia enquanto "atores humanos livres" e o da nossa determinação a partir de constrangimentos naturais. É neste sentido que se pode dizer que na psicologia não se hibridiza apenas homem e natureza, mas na sua seqüência uma subjetividade cindida entre um domínio empírico e outro transcendental, e uma forma de individualização autonomizante e outra controladora.

Nestes termos, a psicologia talvez nada produza de novo, mas possui, contrária à sua vontade, uma função de ligação e mistura digna do deus Hermes. Por que não efetivar este efeito colateral concreto em norma, recusando a norma ideal de purificação impossível (trata-se de um importante catalizador de hibridações) proposta pelas epistemologias, tomando-se a interdisciplinaridade, a mestiçagem, antropofagia e a hibridação como signos fortes para este saber? A psicologia não seria nem moderna, nem pré-moderna, nem mesmo pós-moderna (que nada mais seria que o sentimento de desencanto e impossibilidade mediante o fracasso

moderno), mas nas palavras de Latour: simplesmente a-moderna na sua prática. Aqui a necessidade imperativa de uma pragmática forte que dê conta da fabricação de nossos sujeitos híbridos.

## V. Referências bibliográficas

Canguilhem, Georges (1973). 'O que é a psicologia?' Tradução de Maria da Glória Ribeiro da Silva. *Tempo Brasileiro* n° 30/31: 104-123.

Despret, Vinciane (1999). *Ces émotions que nous fabriquent. Etnopsychologie de l'authenticité*. Le Plessis-Robinson: Synthélabo.

Foucault, Michel (1966). *As palavras e as coisas*. Tradução de Antônio Ramos Rosa. Lisboa: Portugália.

Foucault, Michel (1977). *História da Sexualidade*. Tradução de Maria Thereza da Cosata Albuquerque e J. A. Guilhaon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.

Gagey, Jacques (1969). *Analyse spectrale de la psychologie*. Paris: Marcel Rivière.

Greco, Pierre (1970). 'Epistemologia de la psicología'. em *Lógica e Conocimiento científico*. Jean Piaget, Ed. Tradução de Hugo Acevedo. Buenos Aires: Proteo: 11-63.

Latour, Bruno (1983). 'Give me a Laboratory and I Will Rise a World'. In: Knorr, Karin & Mulkay, Michael (eds) *Science Observed*. London, Sage Publications: 141-174.

Latour, Bruno (1985). Les "vues" de l' esprit. Une introduction à l' anthropologie des sciences et des techniques. *Culture technique*, vol. 14: 5-29.

Latour, Bruno (1991). The Impact of Science Studies on Political Philosophy. *Science, Technology & Human Values*. Vol. 16, n° 1: 3-19.

Latour, Bruno (1994). *Jamais fomos modernos*. Tradução de Carlos Irineu da Costa Rio de Janeiro: Editora 34.

Latour, Bruno (1997). As Variedades do Científico. Tradução de Jesus de Paula Assis. *Folha de São Paulo, Mais!:* 3, 2 de novembro de 1997.

- Latour, Bruno (1998a). 'Os Filtros da Realidade. Separação entre Mente e Matéria Domina Reflexões acerca do Conhecimento'. Tradução de Jesus de Paula Assis. *Folha de São Paulo, Mais!:* 15, 4 de janeiro de 1998.
- Latour, Bruno (1998b). 'Universalidade em pedaços'. Tradução de José Marcos Macedo. *Folha de São Paulo, Mais!:* 3, 13 de setembro de 1998.
- Latour, Bruno (2001). *A esperança de Pandora*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Bauru: EDUSC.
- Latour, Bruno (2002). Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Tradução de Sandra Moreira. Bauru: EDUSC.
- Latour, Bruno (2004). How to talk about the body. *Body & Society*. SAGE Publications (London, Thousand Oaks and New Delhi), Vol. 10(2–3): 205-229.
- Stengers, I (1989). *Quem tem medo da ciência?* Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Siciliano.